

Farsa de «Quem Tem Farelos?» de Gil Vicente

COMEÇAM AS OBRAS DO QUARTO LIVRO EM QUE SE CONTÊM AS FARSAS

Este nome da Farsa seguinte – *Quem tem farelos?* – pôs-lhe o vulgo. É o seu argumento, que hum escudeiro mancebo per nome Aires Rosado tangia viola, e a esta causa, ainda que sua moradia era muito fraca, continuamente era namorado. Trata-se aqui de huns amores seus. Foi representada na mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa ao muito excelente e nobre Rei D. Manuel primeiro deste nome, nos Paços da Ribeira, era do Senhor de 1505.

FARSA DE «QUEM TEM FARELOS?»

FIGURAS: Aires Rosado (escudeiro); Apariço, Ordonho (criados); Isabel; Velha (mãe de Isabel).

Vem Apariço e Ordonho, moços de esporas, a buscar farelos, e diz logo

APARIÇO – Quem tem farelos?

ORDONHO – Quien tiene farelos?

APARIÇO – Ordonho, Ordonho, espera mi.

Ó fideputa ruim!

Sapatos tens amarelos

já não falas a ninguém.

ORDONHO – Como te va, compañero?

APARIÇO – S'eu moro c'um escudeiro
como me pode a mi ir bem?

ORDONHO – Quien es tu amo? Di, hermano?

APARIÇO – É o demo que me tome:

morremos ambos de fome

e de lazeira todo ano.

ORDONHO – Con quien vive?

APARIÇO – Que sei eu?

Vive assi per hi pelado,

como podengo escaldado.

ORDONHO – De qué sirve?

APARIÇO – De sandeu.

Pentear e jejuar,
 todo dia sem comer,
 cantar e sempre tanger,
 suspirar e bocejar:
 sempre anda falando só,
 faz hias trovas tão frias,
 tão sem graça, tão vazias,
 qu'ê cousa pera haver dó.
 E presume d'embicado;
 que com isto raivo eu.
 Três anos há que sou seu,
 e nunca lhe vi cruzado:
 mas segundo nós gastamos,
 hum tostão nos dura hum mês.
 ORDONHO – Cuerpo de San! qué comeis?
 APARIÇO – Nem de pão não nos fartamos.

ORDONHO – Y el caballo?
 APARIÇO – Está na pele,
 que lhe fura já a ossada:
 não comemos quasi nada
 eu e o cavalo, nem ele:
 E se o visses brasonar,
 e fingir mais d'esforçado;
 e todo o dia aturado
 se lhe vai em se gabar.
 Est'outro dia, ali num beco,
 deram-lhe tantas pancadas,
 tantas, tantas, que aosadas!...
 ORDONHO – Y con qué?
 APARIÇO – Cum arrocho seco.
 ORDONHO – Hi hi hi hi hi lii hi.
 APARIÇO – Folguei tanto!
 ORDONHO – Y él calar?

APARIÇO – E ele calar e levar,
 assi, assi, ma ora, assi!
 Vem alta noite de andar,
 de dia sempre encerrado:
 porque anda mal roupado,
 não ousa de se mostrar.
 Vem tão ledó - sus, cear!
 Como se tivesse quê;
 e eu não tenho que lhe dar,
 nem ele tem que lh'eu dê.
 Toma hum pedaço de pão,
 e hum rábam engelhado,
 e chanta nele bocado,
 coma cão.
 Não sei como se mantém,

que não está debilitado.

ORDONHO – Bástale ser namorado,
en demás se le va bien!

APARIÇO – Comendo ó demo a mulher!
Nem casada, nem solteira,
nenhüa tripeira
não no quer.

ORDONHO – Será escudero peco,
ó desdichado?

APARIÇO – Mas, a poder de pelado,
dá em seco!

Todas querem que lhe dem,
e não curam de cantar:
sabe que quem tem que dar
lhe vai bem.

Querem mais hum bom presente
que tanger,
nem trovar nem escrever
discretamente.

ORDONHO – Y pues porqué estás con él?

APARIÇO – Diz qlie m'há de dar a el-Rei,
e tanto farei farei –

ORDONHO – Déjalo, reniega dél;
y tal amo has de tener?

APARIÇO – Bofá, não sei qual me tome;
sou já tão farto de fome,
coma outros de comer.

ORDONHO – Poca gente desta es franca.

Pues el mio es repeor;
sueñase muy gran señor,
y no tiene media blanca.
júrote á Dios que es un cesto,
un badajo contrahecho,
galan mucho mal dispuesto,
sin descanso y sin provecho.

Habla en roncás, picas, dalles,
en guerras e desbaratos;
y se pelean ali dos gatos,
ahuirá montes e valles!

Nunca viste tal buharro.

Cuenta de los Anibales,
Cepiones, Roçasvalles,
y no matará um jarro.

Apuésto-te que un judio
con una boca lo mate.

Quando allende fué el rebate,
nunca él entró en navio.

Y quando está en la posada,
quiere destruir la tierra.

Siempre sospira por guerra,

y todo su hecho es nada.
 Y presume allá en palacio
 de andar con damas el triste.
 Quando se viste,
 toma dos horas despacio!
 Y quanto el cuytado lleva,
 todo lo lleva alquilado,
 y como se fuese comprado,
 así se enleva.

Y tambien apaña palos
 como qualquier pecador;
 y sobre ser el peor,
 burla de buenos y malos.
 APARIÇO – Pardeos, ruins amos temos!
 Tem o teu mula ou cavalo?
 ORDONHO – Mula seca como un palo;
 alquila-la, y dahi comemos.
 Mas mi amo tiene un bien –
 que, aunque le quieran hurtar,
 no ha hi de que sisar,
 ni el triste no lo tien!
 APARIÇO – É musico?
 ORDONHO – Muy de gana.
 Quando hace alguna mueca,
 canta como pata chueca,
 otras veces como rana.
 APARIÇO – Meu amo tange viola:
 hũa voz tão requebrada...
 ORDONHO – Quiérome ir á la posada.
 APARIÇO – E os farelos?
 ORDONHO – Paja sola!
 APARIÇO – Mas vem comigo e verás
 meu amo como he pelado,
 tão doce, tão namorado,
 tão doudo, que pasmarás.
 ORDONHO – Como ha nombre tu señor?
 APARIÇO – Chama-se Aires Rosado,
 eu chamo-lhe asno pelado,
 quando me faz mais lavor.
 ORDONHO – Aires Rosado se llama?
 APARIÇO – Neste seu livro o lerás:
 escuta tu e verás
 as trovas que fez á Dama.

*Anda Aires Rosado só, passeando pola casa lendo no seu cancionero desta
 maneira:*

Cantiga d'Aires Rosado
 a sua Dama,

e não diz corno se chama,
de discreto namorado.

Senhora, pois me lembrais,
não sejais desconhecida,
e dai ó demo esta vida
que me dais.

Ou m'irei ali enforçar,
e vereis mau pesar de quem,
por vos querer grande bem,
se foi matar.
Então lá no outro mundo
veremos que conta dais
da triste de minha vida
que matais:

Outra sua.

Pois amor me quer matar
com dor, tristura é cuidado,
eu me conto por finado,
e quero-me soterrar.
Fui tomar hũa pendença
com hũa cruel senhora,
e agora
acho que foi pestilença.
Chore quem quiser chorar;
saibam já que sou finado
sem finir,
e quero ser soterrado.

Outra sua, estando mal com sua Dama.

Senhora mana Isabel,
minha paixão e fadiga
mando lá esse papel
que vo-la diga.

Volta:

Se quiser dizer verdade,
dir-vos há tantas paixões,
que em sete corações,
não couberam ametade.
Estou coa candeia na mão,
senhora minha, Isabel,
mando lá esse papel,
que vos diga esta paixão.

Fala Aires Rosado com seu moço:

AIRES – Corno tardaste, Apariço!

APARIÇO – E tanto tardei or'eu?

AIRES – Apariço, bem sei eu
que te faz mal tanto viço.

APARIÇO – (*passo a Ordonho*) E desdntem não comemos!

AIRES – Vilão farto, pé dormente.

APARIÇO – (*passo*) Ó Ordonho, como mente!

ORDONHO – (*passo*) Otro mi amo tenemos!

AIRES – «Re mi fá sol lá sol lá.»

APARIÇO – Vês ali o que t'eu digo.

AIRES – Que diabo falas tu?

«Fa lá mi ré ut»

não rosmeies tu comigo.

«Un dia; era un dia»...

APARIÇO – Ó Jesu! que agastamento!

AIRES – Dá-me cá esse estromento.

APARIÇO – Ó que cousa tão vazia!

AIRES – Agora qu'estou desposto,
irei tanger á minha dama.

APARIÇO – Já ela estará na cama...

AIRES – Pois entonces he o gosto!

Tange e canta na rua à porta de sua dama Isabel, e em começando o cantar Si dormis, doncella, ladram os cães.

Ham! ham! ham! ham!

AIRES – Apariço, mat'esses cães,
ou vai dá-lhe senhos pães

APARIÇO – Ele não tem meio pão...

AIRES – «Si dormís, doncella,
«despertad y abrid.»

APARIÇO – Ó diabo que t'eu dou,
que tão má cabeça tens!

Não tem mais de dous vinténs,
que lhe hoje o Cura emprestou.

(Prossegue o Escudeiro a cantiga)

AIRES – «Que venida es la hora,
«si quereis partir».

APARIÇO – Má partida venha por ti!
E o cavalo suar.

ORDONHO – Y no tienes que le dar?

APARIÇO – Não tem hum maravedi.

(Prossegue o Escudeiro a cantiga)

AIRES – «Si estais descalza,
 APARIÇO – Eu ma ora estou descalço.
 AIRES – «Nam cureis de vos calzar.»
 APARIÇO – Nem tu não tens que me dar,
 arrenego do teu paço.
 AIRES – «Que muchas agoas
 «teneis de pasar...»
 APARIÇO – Nam jeu; cantá em teu poder,
 AIRES – Ora andar.
 APARIÇO – Antes de muito:
 pois não espero outro fruto,
 caminhar.
 AIRES – «Agoas d'Alquebir;
 «que venida es la hora,
 «si quereis partir».

Aqui lhe fala a moça da janela tão passo que ninguém a ouve e polas palavras que ele responde se pode conjecturar o que lhe ela diz.

Senhora, não vos ouço bem. –
 Ó! que vos faço eu aqui? –
 Que é senhora? – Eles a mi?
 Não hei medo de ninguém.
 Olhai, senhora Isabel,
 inda que tragam charrua,
 eu só lhes terei a rua
 com hũa espada de papel!
 Que são? que são?... rebolarias?
 E mais rides-vos de mi! –
 Eu porque m'hei d'ir daqui? –
 Faço-vos descortesias? –
 Mana Isabel, ouvis? –
 Eu que defamo de vós? –

Ó pesar nunca de Deus!
 Vós tendes-me em dous ceitis. –
 Não sabeis que me digais? –
 Sabeis que? – Bem vos entendo. –
 Inda me não arrependo,
 com quanto mal me queirais. –
 Há hi mais que me perder?
 Pera que são tais porfias? –
 Bem dizeis; porém meus dias
 nisto hão de fenecer.

APARIÇO – Dou-te ó demo essa cabeça;
 não tem siso por hum nabo.
 AIRES – Senhora, isso do cabo

me dissei ante qu'esqueça.
 Mais resguardado está aqui
 o meu grande amor fervente. –
 que tendes?... hum pé dormente?
 Ó que grão bem pera mi!
 Hi! hi! hi! - De que me rio?
 Rio-me de mil cousinhas,
 não já vossas, senão minhas.
 APARIÇO – Olhai aquele desvario?
 CÃES Ham! ham! ham! ham!
 AIRES – Não ouço co'a cainçada:
 rapaz, dá-lhe hũa pedrada,
 ou fart'os, eramá, de pão!

APARIÇO – Co'as pedras os ajude Deus!
 CÃES – Ham! ham! ham! ham!
 AIRES – Pesar não de Deus c'os cães!
 Rapazes, não lhes dais vós?
 Senhora, não ouço nada.
 Dou-m'ó demo que me leve!
 APARIÇO – Toda esta pedra he tão leve –
 tomai lá esta seixada.

CÃES – Hã! hã! hã! hã!
 APARIÇO – Perdoai-me vós, senhor.
 AIRES – Ora o fizeste pior.
 Á pesar de minha mãe!
 Não vos vades, Isabel –
 está vossa mercê hi?
 Nunca tal mofina vi
 de cães!... que sou cruel?...
 Não ha cousa que mais m'agaste,
 que cães e gatos também!
 GATO – Meao! meao!
 AIRES – Ó que bem!
 Quant'agora m'aviaste!
 Falai, Senhora, a esses gatos,
 e não sejais tão sofrida,
 que antes queria a vida
 toda comesta de ratos!
 Já tornais ao defamar?
 Quem he o que fala nisso? –
 Senhora, sabeis que he hum riso
 quanto podeis suspeitar.
 Que tenham olhos e molhos!
 Vós andais pera me ferir,
 eu ando pera vos servir,
 mana, meus olhos!
 Vós andais pera me matar. –
 Mana Isabel, olhai:

que o saiba vosso pai
 e vossa mãe, hão de folgar;
 porque hum escudeiro privado.
 APARIÇO – Mas pelado.
 AIRES – Como eu sou,
 e de parte meu avô
 sou fidalgo afidalgado.

Já privança com el-Rei,
 a quem outrem vê nem fala.
 APARIÇO – Deitam-no fora da sala.
 AIRES – Senhora, com vosso pai falarei,
 lá depois dacrecentado,
 não quero que me dem nada!
 APARIÇO – Oh, como será aviada,
 e seu pai encaminhado!
 AIRES – Que tendeis, que não tendeis,
 tenho mais tapeçaria,
 cavalos na estrebaria,
 que não há na corte tais:
 vossa camilha dobrada:
 não tendes em que vos ocupar,
 senão somente em fiar
 aljofre, já d'enfadada.
 APARIÇO – Ó Jesu! que mau ladrão!
 Quer enganar a coitada.
 AIRES – Ide ver se está acordada;
 que estas velhas pragas são.
 GALO – Cacaracá! – cacaracá!...
 AIRES – Meia noite deve ser.
 APARIÇO – Já fora rezão comer,
 pois os galos cantam já.
 AIR. «Cantan los gallos,
 «yo no me duermo,
 «ni tengo sueño.»
 Como! vossa mãe vem cá?
 Ca á rua? pera que?
 Não me dá, por minha fé;
 venha que aqui me achará.

VELHA – Rogo à Virgem Maria,
 que quem me faz erguer da cama,
 que má cama e má dama,
 e má lama negra e fria.
 Má mazela e má courela,
 mau regato e mau ribeiro,
 mau silvado e mau outeiro
 Má carreira e má portela.
 Mau cortiço e mau somiço,
 maus lobos e maus lagartos,

nunca de pão sejam fartos;
 mau criado, mau serviço,
 má montanha, má companha,
 má jornada, má pousada,
 má achada, má entrada,
 má aranha, má façanha.
 Má escrença, má doença,
 má doairo, má fadairo,
 mau vigairo, mau trintairo,
 má demanda, má sentença,
 mau amigo e mau abrigo,
 mau vinho e mau vezinho,
 mau meirinho e mau caminho,
 mau trigo e mau castigo;
 Ira de monte e de fonte,
 ira de serpe e de drago,
 p'rigo de dia aziago
 em rio de monte a monte,
 má morte, má corte, má sorte,
 má dado, má fado, má prado,
 mau criado, mau mandado,
 mau conforto te conforto.
 Rogo ás dores de Deus
 que má caída lhe caia,
 e má saída lhe saia,
 trama lhe venha dos céus.

Jesu! que escuro que faz!
 ó martere San Sadorninho!
 Que má rua e má caminho!
 Cego seja quem m'isto faz.
 Hui amara perculida,
 Jesu, a que m'eu encandeio!
 Esta praga donde veio?
 Deus lhe apare negra vida.
 AIRES – (*canta*) «Por Maio, era por Maio.»
 VELHA – Hui! hui! hui! e que mau lavor!
 Quem he este rouxinol,
 picanço ou papagaio?

Que má ora começaram
 os que má saída lhe saia!
 I, eramá, cantar á praia.
 Más fadas que vos fadaram!
 A maldição de Madorra,
 Debitam e Dabiram,
 e de minha maldição –
 ó! santa Maria m'acorra!
 AIRES – (*canta*) «Apartar-me-ão de vós,
 «garrido amor!»

VELHA – Má partida, má apartada,
 mau caminho, má estrada,
 má lavor te faça Deus.

AIRES – «Eu amei hũa senhora
 «de todo meu coração:
 «quis Deus e minha ventura
 «que não m'a querem dar não,
 «garrido amor!»

VELHA – Má cainça que te coma,
 mau quebranto te quebrante
 e mau lobo que t'espante.

Toma duas figas, torna.
 Nunca a tu hás de levar.
 Para bargante rascão,
 que não te fartas de pão,
 e queres musiquiar:

AIRES – «Não me vos querem dare,
 «irme hei a terras agenas,
 «a chorar meu pesare,
 «garrido amor!»

VELHA – Vae-t'ó demo com sa mãe
 e dormirá a vezinhança.
 Ó demo dou eu de ti a criança,
 e esse te ca aportou.

APARIÇO – Dizei-lhe que vá comer,
 que não comeu hoje bocado.

VELHA – Vai comer, homem coifado,
 e dá ó demo o tanger.

E, demais, se não tens pão,
 que ma ora começaste,
 aprenderas a alfaiate
 ou, sequer, a tecelão.

AIRES – «Já vedes minha partida.
 «Os meus olhos já se vão;
 «se se parte minha vida,
 «cá me fica o coração.»

Vai-se o Escudeiro, e fica a Velha dizendo à Filha:

Isabel, tu fazes isto;
 tudo isto sai de ti.

Isabel, guar-te de mi,
 que tu tens a culpa disto.

ISABEL – Pois si ! eu o fui chamar.

VELHA – Ai! Maria ! Maria Rabeja !

ISABEL – Trama a quem o deseja,

nem espera desejar.

VELHA – Que dirá a vezinhança?

Dize, má mulher sem siso!

ISABEL – Que tenho eu de ver co'isso?

VELHA – Como tens tão má criança!

ISABEL – Algum demo valho eu,

e algum demo mereço,

e algum demo pareço,

pois que cantam polo meu.

Vós quereis que me despeje

vós quereis que tenha modos,

que pareça bem a todos

e ninguém não me deseje?

Vós quereis que mate a gente,

de fermosa e avisada;

quereis que não fale nada,

nem ninguém em mim atente?

Quereis que creça e que viva,

s não deseje marido;

quereis que reine Cupido,

e eu seja sempre esquiva.

Quereis que seja discreta,

e que não saiba d'amores;

quereis que sinta primores

mui guardada e mui secreta.

VELHA – Tomade-a lá! Hui, Isabel!

Quem te deu tamanho bico,

rostinho de celorico?

Es tu moça ou bacharel?

Não deprendeste tu assi

o verbo d'*anima Christe*

que tantas vezes ouviste.

ISABEL – Isso não he pera mi.

VELHA – E pois quê?

ISABEL – Eu vo-lo direi.

Ir a miúde ao espelho,

e pôr do branco e vermelho,

e outras cousas que eu sei:

pentear, curar de mi

e pôr a ceja em dereito;

e morder por meu proveito

estes beicinhos assi.

Ensinar-me a passear,

pera quando for casada;

não digam que fui criada

em cima d'algum tear:

saber sentir hum recado,

e responder improviso
e saber fingir hum riso
falso e bem dissimulado.

VELHA – E o lavar, Isabel?

ISABEL – Faz a moça mui mal feita,
corcovada, contrafeita,
de feição de meio anel;
e faz muito mau carão,
e mau costume d'olhar.

VELHA – Hui! pois jeita-te ao fiar
estopa ou linho ou algodão.

Ou tecer, se vem á mão.

ISABEL – Isso he pior que lavar.

VELHA – Enjeitas tu o fiar?

ISABEL – Que não hei de fiar não.

Eu sou filha de moleira?

Em roca me falais vós?

Ora assi me salve Deus,
que tendes forte cenreira.

VELHA – Aprende logo a tecer.

ISABEL – Então bolir co fiado:

achais outro mais honrado
ofício pera eu saber?

Tecedeira viu alguém,
que não fosse buliçosa,
cantadeira, presuntuosa?

E não tem nunca vintém.

E quando lhe quebra o fio,
renega coma beleguim.

Mãe, deixai-me vós a mim,
vereis como me atavio.

Isto vai sendo de dia,
eu quero, mãe, almoçar.

VELHA – Eu te farei amassar.

ISABEL – Essa he outra fantasia!

E com isto se recolhem, e fenece esta primeira farsa.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 1997

<http://www.ipn.pt/literatura>
